

# Trator derruba barracos no Varjão

*Todas as dez casas construídas entre as quadras 5 e 7 viraram pó. Só foram poupados objetos pessoais e a mobília*

Kátia Marsicano  
Da equipe do *Correio*

O povo parou para olhar a demolição. Entre indignados e surpresos, ninguém tentou impedir a ação dos fiscais da Administração Regional do Lago Norte, dos seis policiais da Companhia do Solo (Cia-Solo) e dos 12 funcionários da Terracap, que chegaram com três tratores dispostos a tudo. A ordem era não deixar um barraco de pé, entre as quadras 5 e 7 do Varjão.

“É a terceira vez que vimos aqui, mas eles fazem as casas de novo”, observa o chefe da Fiscalização de Obras e Posturas, Daniel Nazi Coelho. Até o final da manhã de ontem, dez famílias ficaram sem os barracos. Desde o ano passado, cerca de 50 casas foram construídas no local. Como nas outras invasões da cidade, as pessoas querem um lote do programa habitacional do governo do DF. E há quem garanta que no Varjão já tenha chegado até a especulação imobiliária de barracos, vendidos entre R\$ 200,00 e R\$ 600,00, dependendo do tamanho.

“Posso pelo menos pegar as telhas, moço? Preciso vender esse material para pagar uma dívida”, pediu a mulher da primeira casa derrubada. Mas a determinação era não permitir. Inactos mesmo deveriam ficar

apenas a mobília e os poucos objetos pessoais. Isso para evitar que os invasores usassem os pedaços de pau e madeirite para reconstruir os barracos no mesmo lugar.

A dona-de-casa Maria Pereira dos Santos, 22 anos, fez questão de assistir à destruição de perto. Com a filha Ana Paula, de um ano e três meses no colo, não se afastou do fogão, das panelas, da cama e das roupas, amontoadas em cima da terra.

“Tem nada, não. A gente faz de novo”, repetia ela, com o olhar fixo no trator. A demolição começou por volta das 9h30. A casa de Maria, moradora da invasão há cinco meses, foi a terceira a ruir.

A líder comunitária Maria Anita da Silva foi a única que ainda tentou reagir contra a operação. “Eles só derrubam aqui. Querem ver todo mundo na rua”, gritava. “Esse povo já morava no Varjão e foi expulso pelo aluguel”. Mas, a dona do segundo barraco derrubado, Edna Batista, 20 anos, por exemplo, era de Taguatinga. “Não consegui mais pagar R\$ 200,00 por mês”, contou ela, funcionária de numa padaria e responsável pelo sustento da casa e do filho pequeno.

Durante toda a manhã, ninguém do Centro de Desenvolvimento Social (CDS) apareceu no local para identificar as pessoas ou definir o destino delas. O que a Administração Regional estava

Ricardo Borba



Moradores assistem, desolados, à derrubada dos barracos por homens da Administração Regional do Lago Norte, Companhia do Solo e Terracap

oferecendo era o caminhão para transportar os móveis das famílias que soubessem para onde ir.

## TELEFONE

Apesar de os fiscais garantirem que a invasão era recente, alguns moradores tinham até telefone em casa, piso de cimento e muitas plantas crescidas no quintal. No barraco do casal Maria da Conceição de Freitas, funcionária da Frente de Trabalho, e Juarez Gomes, jardineiro, era assim. Enquanto o barraco vinha a baixo, Conceição, nervosa, segurava o telefo-

ne. “A gente mora aqui há dois anos. Não estou entendendo isso”, explicava.

O mesmo drama se repetiu no barraco da dona-de-casa Eliete Abreu Pinto, vizinha de Conceição. Com o filho recém-nascido no colo, a mulher chorava à espera do marido, Edivam. Como todos na invasão, reclamava de haver sido surpreendida com a derrubada. “Não avisaram, não deram tempo de a gente se preparar, arranjar um lugar para ir”, queixava-se. Mas, não houve jeito. Ela, o marido e os três filhos ficaram sem a casa.

“Tô com medo”, disse baixinho Edilson, o filho de 4 anos de Edilene, apavorado com o barulho provocado pelo trator. Ao lado da irmã, Daniela, 2 anos, havia sido esquecido pelos pais, envolvidos com o recolhimento dos móveis num canto da rua. Mas, bastou alguém pegar sua mão e levá-lo para o sofá — antes dentro do barraco e agora do lado de fora — para que se acalmasse.

Os vizinhos se compadeeceram com a situação da mulher e ocuparam o quintal, tentando proteger a casa. O que não faltou foi gente para discursar.

Mas, foi só uma questão de tempo. Policiais e fiscais da Administração Regional acabaram entrando e convencendo a família a sair.

Eliete e o marido já moravam no Varjão. De aluguel. Há pouco mais de cinco meses, escolheram os fundos da quadra 7, para construir, juntamente com as outras pessoas. Na pequena sala, Eliete colocou até cortina de filó. Não pensava que teria que sair daquele jeito. Depois da demolição, a única perspectiva de acomodação é a casa de uma tia, Maria Anita, lá mesmo no Varjão.